



# IMAGENS PARA UMA MEMÓRIA DESCONHECIDA

MARIA DIEI\*

Maria Diei, sem título, gravura em metal, 2020-2022

\* Maria do Céu Diei (Porto Alegre, 1962), é professora Associada III da EBA UFMG. Pesquisadora sobre a Pedagogia Visual e a Educação da Memória, dedica-se atualmente a compreender a Outra História da Arte. Aposentada, vive em São Paulo onde produz gravura em metal no seu ateliê.

A memória está ligada aos objetos e seus lugares. Sua atividade principal - a reminiscência - ativa-se ao toque, manipulação ou mesmo a vocalização de um objeto e sua origem. A reminiscência eleva o pensamento, move-o para a instância da memória e há o transporte e omovimento em direção à lembrança e todos os elementos localizadores - local, luzes, vozes ou ausência de som, afetos e outros mecanismos relacionados aos artefatos que consideramos mnemônicos. São os souvenirs de viagem, fotografias, cartas, desenhos, postais, bilhetes de viagem, ingressos, livros, sensações despertadas pelo toque de tecidos, papéis, pedras ou metais, odores e sabores destacados do cotidiano que arremetem o corpo mnemônico a lugares da infância, da juventude ou a lugares não mapeados ou esquecidos. A memória que fisiologicamente está ligada à plasticidade do cérebro está, em verdade, diluída pelo corpo em seus inúmeros e complexos sentidos relacionais. Não representam a memória, os objetos: daí dizer que uma exposição de fotografia de certo grupo ou agremiação ser considerada a memória deste grupo é um equívoco, visto que a memória atinge apenas aquele que fotografou e não quem foi fotografado. O olhador apenas se reconhece fora da imagem e convence-se de que ali está sua lembrança relacionada aos outros. Vistos de fora da imagem somos compelidos a aceitar a memória de um- o fotógrafo- como de todos em torno e assim a imagem torna-se documento de um evento ou testemunho de um instante. Porém, devido às intrínsecas relações entre a imagem e sua presença no mundo, ajustamos nossa memória individual num processo de coletivização de memórias outras. Ao vermos fotografias de guerra, mesmo sem termos estado num front de batalha, sentimos a dor e a tristeza de certas imagens e somos golpeados por sensações comuns à humanidade. Não estivemos na guerra, mas testemunhamos pessoas em situação de miséria extrema, seus gestos são parecidos e suas expressões também. Portanto, muitas imagens são pedagógicas quando nos educam para acessarmos sentimentos de melancólica tristeza ou mesmo júbilo coletivo. Imagens do cinema também são feitas assim. Num filme onde super-heróis exibem seus poderes ao voarem, lançarem raios ou suportarem imensas cargas explosivas e radioativas sentimos a memória coletiva de um grande deus do passado que ressurge para lembrar-nos de nossas origens titânicas. Somos filhos de deuses e ao visitarmos as imagens destes em movimento na tela do cinema participamos de suas origens, coragens e escolhas entre o bem e o mal. Os deuses que caminharam na terra e hoje em seu exílio melancólico nas lendas, pintu-

ras, esculturas e templos constrangidos em museus podem mover-se, falar, lutar e até mesmo morrer. Mesmo que estes deuses usem artefatos mecânicos, sua inteligência é um prêmio divino, uma graça atribuída pelo seu amplexo moral. Mesmo anti-heróis, que são agraciados com poderes, apenas existem para lembrarmos da dicotomia aparente do universo conhecido. Forças colidindo antagonicamente da imagem fora de nós contra a cultura de imagens e memória fabricada são o que denominamos memória artificial, ou seja, criada por artifícios e dispositivos inter-relacionados durante o percurso de uma vida. Portanto, a memória de um indivíduo é apenas dele. É quase impossível falarmos da memória de certo grupo - um bairro, imigrantes, uma instituição, uma cidade, um país ou mesmo a própria humanidade. Visto que a experiência da memória é individual e complexa, para termos acesso a uma real história de um grupo, todos os indivíduos deveriam relatar através de imagens ou sons sua vida inteira e todas as sutis escolhas feitas durante a existência. Apressamo-nos, portanto em recolher testemunhos de todos os indivíduos de grupos sobreviventes de guerra ou atingidos por mudanças abruptas em uma região, migrações forçadas, história das nações e de famílias e suas genealogias. Tais narrativas são lacunares pela própria impossibilidade de narrarmos todos os dias da vida, mas acendem-se quando se aproximam de uma imagem forte, agente. A memória, portanto, salta de uma imagem forte para outra e entre seus intervalos acontece a maior parte de nossa existência. Assim os testemunhos de alguns indivíduos formam a memória coletiva, por assim dizer, de um grupo inteiro, mesmo que dentro deste mesmo grupo outras escolhas tenham sido feitas e assim teremos grupos como os italianos de São Paulo, os portugueses de Ouro Preto, os africanos escravizados no Rio de Janeiro, os judeus de New York, os soldados da África e outros muitos grupos feitos de memória individuais e outras agregadas, denominadas coletivas. Outras memórias são também exo-memórialis como a memória dos velhos, das mulheres, dos artistas, dos artesãos ou dos estudantes. Quanto mais ampliarmos o círculo de ocupações e tipos, mas diluídas são as lembranças de indivíduos que possam contribuir, por assim dizer, para a história de um grupo. Pois para circunscrever a memória de um grupo, é necessário esvanecer o maior número possível de opções e eventos individuais e circunscrever em locais personalizados ou muito particulares.

Portanto, é importante entendermos que existem locais da memória, os teatros mnemônicos de alcance coletivo e cujo efeito acomete um grupo imenso de indiví-

duos: Auschwitz, o Coliseu de Roma, o Parthenon, a Baía de Todos os Santos, o Vaticano. Isto apenas para citarmos locais de grande circulação de indivíduos de diferentes culturas. Mas, quando adentramos nas memórias ativadas pela reminiscência - que é sempre pessoal e individual - é que vemos como os objetos contêm em si os lugares de onde foram retirados. Locais de peregrinação também são ativados pelas memórias daqueles que os frequentam. É possível entrar em reminiscência e ouvir histórias relacionadas aos percursos feitos pelos corpos. Nunca desassociados de uma memória artificial, estes locais alimentam-se de suas lendas e são construídos como um labirinto mnemônico, onde cada passo ilustra a educação visual antecipadamente sabida: os passos da paixão de Cristo, os túmulos dos santos, seus locais de nascimento e posterior martírio, onde este ou aquele personagem da história sentou-se, observou as estrelas ou mesmo tropeçou e caiu! Da categoria de seres brilhantes, também seus hábitos mundanos os fazem descer ao nível mundano. Os gestos simples também fazem parte da humanidade e assim é possível imaginar uma criatura humana com dons e atributos divinos que amava, odiava, duelava, alimentava-se e fugia dos inimigos. Assim, as biografias ilustres e comuns são permeadas de narrativas recheadas de vazios até onde um fato fora do comum ou uma imagem indelével alavanca as memórias anteriores e posteriores.

\* \* \*

Porque escrevo sobre memória para conceituar um grupo de imagens que figuram nesta edição da Revista? Escrevo assim pois os diversos artigos que aqui figuram suscitaram lembranças de outras coisas vistas, pela vida. Ao ser convidada para agrupar minhas gravuras aos textos desta edição, fui levada pelas palavras dos autores para o campo da reminiscência, de minhas próprias experiências como leitora, artista, professora: uma pessoa no mundo.

Como todas as memórias podem ser revisitadas pela vida e misturadas aos sonhos, iniciei uma série de gravuras emblemáticas à partir de imagens evocadas pela narrativa dos autores e a elas misturei minhas memórias sobre os diferentes temas dos artigos: a desconstrução do teatro político, a encruzilhada do capitalismo e a nova economia sustentável (o acúmulo e o descarte das coisas e pessoas, um empilhamento: assim compreendi por imagens), o entendimento do registro do tempo através dos visionários e profetas, a cópia como obsessão nas artes e seu desdobramento na criação

musical, o cinema como forma de mostrar o mundo exterior, as luzes e as sombras projetadas, o mistério da música associada à imagem, no cinema, a vida num povoado pobre, a memória de rios que não vemos mais, os princípios morais na Europa medieval, a força da igreja e dos seus doutores, a chama ardente da juventude diante dos ditames legais, a vida e a intelectualidade nas cidades e outras imagens despertadas pelos textos. São conhecimentos gerados dentro das cidades e suas organizações. Portanto, acredito que meu trabalho de gravura em metal aglutina-se a estes textos, estando a impressão e circulação destes, também ligados ao mundo da gravura. As gravuras estarão dispersas pela Revista como uma forma de elevar a palavra e a imagem no mesmo patamar: não são ilustrações, senão imagens reflexivas, existindo para criar enigmas visuais, não para estar apenas a serviço do texto, mas para elevá-lo ao campo das ideias, dos mistérios e dos emblemas.

Maria Diel

Escrito no segundo verão da Pandemia, 2022





# IMAGES FOR AN UNKNOWN MEMORY

MARIA DIEL\*

Maria Diel, sem título, gravura em metal, 2020-2022

\* Maria do Céu Diel (Porto Alegre, 1962), is associate professor III at EBA UFMG. Researcher on Visual Pedagogy and Memory Education, she is currently dedicated to understanding the Other History of Art. Retired, she lives in São Paulo where she produces metal engraving in her studio.



Memory is associated with objects and the places they were in. Its main activity - reminiscence - is triggered by the touch, the manipulation, or even the vocalization of an object and its origin. The reminiscence elevates the thought, elevates it into memory, transporting and moving it towards the memory and all elements that indicate a location - place, lights, voices or the absence of sound, affections, and other mechanisms related to the artifacts we consider to be mnemonic. These can be travel souvenirs, photographs, letters, drawings, postal cards, tickets from a trip or from events, books, feelings triggered by the touch of fabric, paper, rocks or metals, flavors and odors generated by our daily life that push the mnemonic body towards places from one's childhood, youth, places never mapped or forgotten. The memory that is physiologically tied to the plasticity of the brain is actually diluted throughout the body in its many complex relational feelings. Objects, these do not represent memory: thus we say that it is mistaken to see the exhibition of photographs of a certain group or clique as the memory of this group, since the memory is only that of the person who photographed, not of the ones who were photographed. The onlooker only recognizes themselves out of the image and convinces themselves that there are their memories, related to others. Seen from outside the image, we are compelled to accept the memory of one - the photographer - as if it was that of all of us, and as a result the image becomes the document of an event or the testimony of an instant. However, due to the intrinsic relationships between image and its presence in the world, we adjust our individual memory in a process where other memories become collective. As we see war photographs, even if we have never been on the battle front, we feel all the pain and sadness of certain images and we are stricken by feelings that are common to humanity as a whole. We have not been to war, but we witnessed people in situations of extreme misery, their gestures are similar; so are their expressions. Therefore, many images are educational as they teach us how to access melancholy, sad, or even joyful collective feelings. Images in the movies are also made this way. In a film where superheroes show their powers as they fly, throw lightning, or withstand huge radioactive explosions, we feel the collective memory of a god from the past, born again to remind us of our titanic origins. We are the children of gods and as we visit their moving images in the screen of the cinema we participate in their origins, courage, and choices between good and evil. The gods that walked the earth and today face a melancholy

exile in legends, paintings, sculptures, and temples, restricted to museums, can once again move, speak, fight, even die. Though these gods may use mechanical artifacts, their intelligence is a divine prize, a grace attributed to their moral compass. Even powerful anti-heroes who receive powers only exist to remind us of the apparent dichotomy of the known universe. Forces colliding against each other, the image there is outside of us, against the culture of fabricated images and memories that we call artificial memory, that is, the memory created by contrivances and devices interrelated throughout a life's journey. Therefore, the memory of an individual is theirs alone. It is almost impossible to talk about the memory of a certain group - a neighborhood, migrants, an institution, a city, a country, or even of humanity. Since the importance of memory is individual and complex, for us to have access to the real story of a group, all individuals should report it using images or sounds of their entire lives, and of all subtle choices made during their existence. We hurry, as a result, to gather testimony from all individuals from groups that survive wars or are hit by abrupt changes in a region, forced migrations, the history of nations and families and their genealogy. These narratives are lacking due to the very impossibility of narrating all days in a life, but are illuminated when they approach strong, active images. Memory, therefore, leaps from a strong image to another, and most of our existence takes place in the intervals between these. Thus, the testimony from some individuals forms the collective memory, so to speak, of an entire group, even if in this group other choices were made. As a result, we have groups such as the Italian people from São Paulo, the Portuguese from Ouro Preto, the African enslaved in Rio de Janeiro, the Jewish from New York, the African soldiers, and many others formed by memories, some individual and some grouped together, and called collective. Other memories are also *exo-memórialis*, such as the memory of elders, women, artists, artisans, or students. The broader the circle of occupations and types, the more diluted are the remembrances of individuals that can contribute, so to speak, to the story of a group. After all, to encompass the memory of a group, it is essential for the highest possible number of options and individual events to fade, and personalized or very particular locations must be circumscribed.

Therefore, it is important for us to understand that there are places of memory, mnemonic theaters of collective import, whose effect affects a large group of individuals: Auschwitz, the Roman Coliseum, the Parthenon, the Bay of All Saints, the

Vatican. And these are just places where great numbers of individuals from many cultures have been. But, when we only enter the memories that are activated by reminiscence - which is always personal and individual - we see how objects contain the places they were taken from in themselves. Places of pilgrimage are also activated by the memories of those who visit them. It is possible to start reminiscing and listen to stories related to the paths traversed by the bodies. Never disassociated from an artificial memory, these places feed from legends and are built like mnemonic labyrinths, where each step illustrates the visual education known beforehand: the steps of the passion of the Christ, the tombs of the saints, their places of birth and martyrdom, where this or that character from history sat, looked at the stars or even tripped and fell! Their worldly habits also bring them down, from the category of brilliant beings to the level of worldly ones. Simple gestures are also part of humanity, and therefore, it is possible to imagine a human creature with abilities and attributes who loved, hated, fought, ate, and escaped enemies. Thus, both illustrious and common biographies are permeated by narratives filled with void, where a simple fact out of the ordinary or an unforgettable image elevates both old and new memories.

\* \* \*

Why do I write about memory to conceptualize a group of images that appear in this issue of the Journal? Because all articles that are present here recall memories from other things seen, through life. When I was invited to add my pictures to the texts of this issue, the words from the authors triggered reminiscences in me, from my own experiences as a reader, an artist, a professor: a person in the world. Since all memories can be revisited through life and enmeshed in dreams, I started a series of emblematic pictures from images evoked by the narratives of the authors, which I then mixed with my memories about the different topics of the articles: the deconstruction of the political theater, the crossroads of capitalism, and the new sustainable economy (the accumulation and disposing of things and people, a hoarding: or so I saw in these images), the understanding of the records of time through the visionary and prophets, the copy as an obsession in the arts and its unfolding in musical creation, cinema as a way to show the outside world, lights and the shadows they project, the mystery associated with the image at the movies, life in a poor village, the memory of rivers we no longer see, the moral principles in medieval Europe, the strength of Church and

its doctors, the burning flame of youth confronted with legal mandates, the life and the intellectuality in cities, and other images triggered by the texts. This is knowledge generated within cities and their organizations. Therefore, I believe that my work of metal pictures becomes agglutinated with these texts, since the impression of texts and their circulation is connected to the world of pictures.

The pictures will be spread throughout the Journal as a way to elevate word and image to the same level: these are not illustrations, but reflective images that exist to create visual enigmas, not aiming to simply serve the text, but to bring it higher, to the dimension of ideas, mysteries, emblems.

Maria Diel

Written in the second summer of the Pandemic, 2022